



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS  
(Recolhidos da tradição oral)

XX

As tres cidras do amor

Havia um rei que tinha um filho que andava muito triste e doente. O rei, para ver se distrahia o principe, mandou fazer um grande tanque, e mandou-o encher de azeite e mandou deitar um pregão a todos que quizessem ir buscar azeite que fossem a palacio. O principe na varanda observava, mas nada lhe causava graça. Um dia veio uma velha com umas cascas d'ovos; mettia uma casca e deitava para uma almotolia. O principe achou-lhe graça e quando a velha mettia a casca atirava-lhe com uma pedra e parti-a. A velha olhou para cima e disse:—Ah! sois vos, pois já vos não dou as tres cidras do amor. O principe chamou-a e disse: Com pena de morte ha de dizer quaes são as tres cidras do amor. A mulher tirou tres nozes e disse: Vossa

Alteza leva estas nozes, leva pão e em chegando ao pé de uma fonte parte estas nozes. O principe no dia seguinte mandou arranjar o cavallo e um alforge com pão e marchou. No meio do caminho diz elle: Ora não heide ver o que está nesta noz? Partiu a noz e sahiu-lhe uma menina muito linda e disse: Dá-me pão e agua senão morro.—Pão te darei eu mas agua não, que a não tenho.—Então morro.—Pois morre. A menina morreu. Foi mais adiante e partiu a outra noz. Aconteceu-lhe o mesmo, até que á terceira chegou ao pé d'uma fonte e partiu-a, sahiu uma linda menina, pediu agua e pão, bebeu e comeu. O principe disse. Agora fica tu ahi em cima dessa arvore que eu vou a palacio buscar carruagens para te levar. Costumava uma preta ir aquella fonte, calhou a ir na occasião em que a menina estava na arvore, viu a sombra na agua, imaginava ser ella e dizia: Pretinha tão bonita ir á fonte! quebro o cantarinho. Quebrou o cantaro. A menina deu uma gargalhada. A preta olhou para cima e disse; Ai, sois vós, vinde cá para baixo

que vos quero catar um piolhinho. A menina disse: Cabello loiro não cria piolho. Tanto a preta teimou até que a menina desceu. Ella pôz-se a catal-a. A menina esteve-lhe contando que estava á espera do principe. A preta prega-lhe um alfinete de cinco reis na cabeça. A menina fez-se n'uma pomba e retirou. A preta subiu para cima da arvore. Quando o principe veio ficou muito triste e disse: Tão clara que vos deixei e tão negra que vos acho!—E' do *xol*, respondeu a preta. O homem levou-a para palacio mas muito triste. Andava sempre uma pombinha no jardim e dizia o rei: Que linda pombinha! e dizia a preta:—E' bicho do matto, tem carrapato. O principe mandou deitar um laço de fita, a pombinha não mettu o pé; um laço de prata tambem não quiz; afinal, no laço de oiro mettu a pombinha o pé. O principe começou a fazer festas á pombinha, depois disse: Cá está o carrapato, puxou do alfinete, sahiu a menina. Houve grandes festas em palacio; depois a menina esteve contando ao rei o que a preta lhe tinha feito; depois deram-lhe sentença de morte, e que dos ossos fizessem uma cadeira para a cama e da péle um tambor. Quando subiam para a cama os ossos rangiam e dizia a menina: Range, que eu padeci; diziam os ossos: Mais padeci eu.

— — —  
XXI

Os calções encarnados

Era d'uma occasião duas co-

madres, e uma tinha um compadre frade, e elle tinha lá ido a ficar a casa d'ella, mas veio o marido bater á porta, e o frade, com a pressa, deixou os calções á cabeceira da cama. O marido, como tinha que ir para o trabalho, ainda era escuro, pagou nos calções do frade e pôl-os ás costas. Chegou lá ao trabalho pensando que levava a jaqueta e encontrou-se com os calções encarnados do frade. Elle, que era da pelle do diabo, disse logo: Mesmo agora a vou matar. E trata de marchar caminho de casa. Mas a mulher, antes d'isso, tinha dado na falta dos calções. Foi a casa da comadre a chorar como uma Magdalena, que estava desgraçada. Resposta da comadre: Essa é uma de todos os diabos, mas vá para casa, deixe isso por minha conta. Foi ao convento e pediu uns calções a um frade seu conhecido e tratou de os vestir, e, mãos á obra, pôz-se no meio da casa á espera de ver passar o compadre, e pegou em dois paios um velho e outro novo, e pôl-os em cima da meza. D'ahi a pouco passa o compadre todo muito afflicto e como a quem picava a mosca. Ella que o viu passar, a deitar os bofes pela bocca, tratou de o chamar. E elle deu-lhe por resposta. O comadre pelo amor de Deus, deixou-me.—Quero que me faça o favor de me decidir aqui uma questão. Meu marido que ateima sempre comigo por dá cá aquella palha, e que faz esbarrunto por tudo ateima aos pés juntos que o paio velho é o melhor e eu ateimo que o paio novo é que é o melhor.—Deixe-me, pelo a-

mor de Deus, que eu não quero saber de de paios.—Ande lá, faça-me esta vontade. O homem entrou e ella levantou a saia para tirar uma navalha para partir o paio, e elle reparou e viu-a de calções encarnados vestidos.—O' comadre pois vossemecê usa calções encarnados?—Então o compadre ainda não viu os da comadre?—Eu não senhora.—Credol! parece que anda parvo! Veio ordem para todas as mulheres casadas que estimam os seus maridos usarem calções encarnados.—Ai, comadre, com que lhe heide pagar a vossemecê um favor tão grande! pois eu vinha com tenções de ir mattar a sua comadre porque pela manhã, no trabalho, pensando que levava a jaqueta levava os calções d'um frade ás costas,—Não senhor, são os da comadre.—Já lhe vou pedir perdão. Foi, abraçou a mulher e pediu-lhe perdão da injuria que lhe tinha levantado. E foi-se outra vez para o trabalho de rabo entre as pernas.

*Johel.*

### Origem dos granadeiros

Foi em França que teve origem a instituição dos granadeiros. Até ao seculo XVI davam alli o nome de ENFANS PERDUS (filhos perdidos) a uns soldados escolhidos d'entre os rapazes mais robustos, valentes e disciplinados de todas as BANDAS ou companhias do exercito. Estes soldados faziam de ordinario o serviço dos postos avançados, e ás vezes formavam corpos destacados, destinados a descobrirem campo nas marchas do e-

xercito e dos comboios: eram elles tambem que formavam a testa das columnas de ataque, e cabia-lhes a honra de serem os primeiros a subirem ao assalto de uma fortaleza. Em 1537, época da invenção das granadas, foi a estes soldados que se incumbiu o uso d'estas armas destruidoras, arremessando-as para dentro das praças sitiadas, e sobre os macissos das tropas nas batalhas; e d'ahi lhes veiu o nome de granadeiros. O seu armamento era um machado, um sabre e uma GRANADEIRA, ou sacco de coiro contendo de doze a quinze granadas. Só foi em 1671, quando aos mosquetes se substituíram as espingardas, que os granadeiros receberam tambem estas armas. As granadas eram umas balas de ferro occas, do peso de dois arrateis, atacadas de polvora, e com uma espoleta ou estopim, que lhes servia de taco e ao mesmo tempo de escorva. O soldado, trazendo na mão esquerda um murrão acceso, com a direita tirava a granada, pegava-lhe fogo e a arremessava: a sua habilidade estava em lhe dar boa direcção, e a elevação conveniente para arrebentar no momento preciso e cahir sobre os soldados inimigos ou fosso nas muralhas ou no campo. Ao principio havia quatro granadeiros em cada companhia de infantaria; depois formou-se uma companhia d'elles em cada regimento.

A Prussia foi a primeira nação que tomou da França a instituição dos granadeiros. Depois d'ella todas as outras potencias do norte quiserem ter d'estes soldados distin-

ctos; e o seu exemplo foi bem de-  
pressa seguido por toda a Europa.  
Depois de abolido o uso das grana-  
das de mão, conservaram todas as  
nações uma companhia graduada em  
cada um regimento de infantaria  
com o nome de granadeiros, posto  
que já não fizessem o serviço de  
que lhes proveio o nome.

## O TEMPLO DA FAMA

(De Fernandez Bremon)

—Podes guiar-me ao templo da  
Fama?

—E' o caminho muito mau, e  
estou cego; dà-me porem o teu bra-  
ço, mancebo, e conta-me o que ob-  
servares.

—Caminharam.

—Vejo um palacio.

—Conduz-me á sua porta.

—Acaba de abrir-se de par em  
par.

—Que vês?

—Muita gente que, ao avistar-  
nos, guarda saccos de dinheiro; vejo  
numeros e cifras nas paredes; mo-  
veis sumptuosos; tapetes da Persia;  
pannos de Arrás...

—E' o palacio da riqueza; que-  
res que fiquemos aqui?

—Não, não prosigâmos.

Caminharam.

—Eis uma habitação modesta.

—Que vês?

—Grupos familiares, conversan-  
do sob as latadas do jardim; crean-  
ças que lançam barquinhas de papel  
no tanque de uma fonte; homens e  
mulheres olhando-se ternamente...

—E' a morada da felicidade; jo-  
ven, fiquemos aqui.

—Não, não; adiante.

Caminharam e difficilmente, so-  
bre penhascos.

—Vejo um magnifico edificio.  
Eis sahem a receber-nos mulheres for-  
mosissimas, entoando canções ale-  
gres; ha mezas esplendidas; leitos de  
pennas...

—E' o palacio do prazer.

—Fiquemos.

Mas o tedio, passados dias, fez  
com que proseguissem na jornada.

Caminharam por terrenos esca-  
brosissimos, até chegarem a um ca-  
sarão muito velho, com vestigios de  
todas as edades. Estava a porta fe-  
chada; chamaram e não abriram.

—E' preciso, mancebo, que es-  
câles o muro,

—Muito alto! quasi não ha onde  
apoiar-me...

—Trépa; e quando estejas den-  
tro abre-me a porta.

—O joven conseguiu escalar o  
muro.

—Que vês?

—Não vejo ninguem; mas ouço  
vozes que injuriam,

—Que mais?

—Um fantasma que me perse-  
gue e que me ameaça.

—E' a inveja que não mais se a-  
partará de ti. Estão satisfeitos os  
teus desejos. Estás, seguramente,  
no templo da Fama.

• *Martim Mendes.*